

## DA LEITURA.

RECOMMENDA-SE a lição dos bons livros com muitos e firmes fundamentos. Os livros são exposições de doutrinas, que seus auctores colheram da experiencia propria, ou resumos de experiencias alheias, reduzidas a methodo: são tambem narrações fundadas em depoimentos de oculares testemunhas, ou em documentos que deixaram as gerações antepassadas; outros são puramente partos do engenho humano, em que predomina a imaginação, como na poesia e nos quadros inventivos, chamados novellas, que devem ser copias aperfeiçoadas da vida real. Se a qualquer destas tres classes de escriptos dedicarmos algumas horas, segundo nossas profissões ou negocios, não teremos motivo de nos arrepender. A preferencia nos estudos é determinada pela obrigação, ou pela inclinação: poucos podem seguir esta livremente; mas a todos incumbe procurar os meios de satisfazer áquella. — Indaga o artifice quanto para o melhoramento de seu officio convem; consulta o engenheiro as paginas que o emmestram; pesquisa o proprietario agricultor os methodos agrarios, que podem accrescentar suas rendas; e todos se desvelam em adquirir e rectificar as noções uteis adaptadas a seus respectivos estados. — Mas como a intelligencia humana, e os habitos sociaes nos inclinam a ultrapassar as restrictas barreiras de nossas occupações; como para tudo ha tempo quando for bem regulado, não falta, e ainda menos se perde, a placida hora consagrada á litteratura amena, hora abençoada em que mudando de objecto a attenção repousa. Se a escolha da lição for acertada, aprendem-se factos, que aliás se não conheceriam; e a pureza do idioma patrio, que talvez fosse despresada: de fórma que em abundancia de noticias, em fertilidade de expressões proprias, se adquire uma riqueza, que será para sempre ignota aos que não aproveitarem os momentos do ocio, que suas fadigas lhes permitem.

Ha tempo para tudo, dissemos, e é verdade, apesar dos estreitos limites da vida; as prendas que tem cabimento nas assembléas escolhidas, como por exemplo a Musica ou de canto ou instrumental, occupam dignamente algumas horas no decurso da existencia, sem prejuizo do exercicio habitual de cada um. Louvor merece quem para regozijo proprio e prazer de outras pessoas sabe tirar vantagem da propensão que lhe doou Deus para as Bellas-Artes. Temos notado que estes em geral estudam, e amenizam o espirito com as flores da litteratura: e como poderá dispensar-se de o fazer o que não abraça tão innocentes distracções? — A litteratura é o vehiculo da civilisa-

ção: com exemplos, com preceitos [que teem de bom o não serem inculcados á força] e com o movimento dos affectos, melhora a nossa especie. — Povos barbaros só teem canções marciaes; hymnos d'exultação por sangue e mortes.

Conheceram tanto os proveitos da leitura os nossos maiores que [para não citarmos outros casos] elrei D. Manuel mandava ler todos os dias, perante elle, ao principe seu filho as chronicas dos reis seus antepassados. O antiquario Gaspar Estação, citando esta circumstancia, diz: — «Nestas pinturas do mundo passado achavam aquelles reis e achará todo o homem, para seu governo e publico, muito que ver e notar; que imitar e que fugir; que amar e aborrecer; que temer e que esperar; conselhos para a paz; industrias para a guerra; costumes para seguir, e reprovar; ditos e feitos dignos de memoria; e finalmente varios e notaveis exemplos, que a antiguidade fez livres de amor e odio para serem mais poderosos...» —

## ARRIAS POR FORO D' HESPAÑA.

1371 — 3.

## VI.

*Uma barregan rainha.*

O DOURO é bem carregado e triste! A sua corrente rapida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve aguas turvas e mal assombradas. Nas suas ribas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puro ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de nevoas, e atravez desse manto a atmospherá embaciada faz cahir sobre a vossa cabeça os raios do sol semimortos, quasi como um frio reflexo de lua, ou como a luz sem calor de uma tocha distante. É depois de alto dia que esse ambiente, semelhante ao que rodeava os guerreiros d'Ossian, vos desopprime os pulmões, onde muitas vezes tem depositado já os germens da morte. Então, se, trepando a um pinaculo das ribas, espraiaes os olhos para a banda do sertão, lá vêdes como uma serpente immensa e alvacentá, que se enrosca por entre as montanhas, e cujo colo está por baixo de vossos pés: é o nevociro que se acama e dissolve sobre as aguas que o geraram. O horisonte, até ahí turvo, limitado, indistincto, expande-se ao longe, contornea-se dos cimos franjados das montanhas engastados no chão azul dos céus, e a terra, a perder de vista, parece-vos um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paizagens do Douro a natureza em-

pregou um pincel semelhante ao de Miguel Angelo — foi robusta, solemne, e profunda.

Como sobre um circo convertido em naumachia, o Porto ergue-se em amphiteatro sobre o esteiro do Douro, e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de tres provincias, e tendo nas mãos as chaves dos haveres dellas, o seu aspecto é severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tractar familiarmente. Não faças cabedal de certo modo aspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o á prova, e achar-lhe-heis um coração bom, generoso, e leal. Rudeza e virtude são muitas vezes companheiras; e entre nós, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja elle quem guarde ainda maior porção da desbaratada herança do antigo character portuguez no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que não passava d'algumas demasias d'orgulho.

Nos fins do seculo 14.º o Porto ia ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da futura grandeza estava no character dos seus filhos, na sua situação, e nas mudanças politicas e industriaes que depois sobrevieram em Portugal. Posto que nobre, e lembrado como origem do nome desta linhagem portugueza, os seus destinos eram humildes comparados com os da theocratica Braga, com os da cavalleirosa Coimbra, com os de Santarem a cortesaã, com os d'Evora a romana e monumental, com os de Lisboa, a mercadora, guerreira, e turbulenta. Quem o visse coroado da sua cathedral, semi-arabe, semi-gothica, em vez do alcacer ameiado; sottoposta em vez de torre de menagem aos dois campanarios lizos, quadrangulares e macissos, tão differentes dos campanarios dos outros povos christãos, talvez porque entre nós os architectos arabes quizeram deixar as almadenas das mesquitas estampadas como um ferrete da antiga servidão na face do templo dos nazarenos; — quem assim visse o *burgo* episcopal do Porto, pendurado á roda da igreja, e defendido antes por anathemas sacerdotaes que por engenhos de guerra, mal pensaria que desse burgo submisso nasceria um emporio de commercio, onde dentro de cinco seculos mais que em nenhuma outra povoação do reino essa classe, então fraca e não definida, a que chamavam burguezes, teria a consciencia da sua força e dos seus direitos, e daria a Portugal exemplos de um amor tenaz d'independencia e de liberdade.

A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma legua desde o Seminario até alem de Miragaia, ou antes até a Foz pela margem direita do rio, entrando-se amplamente para o sertão, mostra-

va ainda nos fins do seculo 14.º os elementos distinctos de que se compoz. Ao oriente o *burgo do bispo*, edificado pelo pendor do monte da sé, vinha morrer nas hortas, que cubriam todo o valle onde hoje estão lançadas a praça de D. Pedro, e as ruas das Flores e de S. João, e que o separavam dos mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente a povoação de Miragaia, assentada ao redor da ermida de S. Pedro, trepava já para o lado do Olival, e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita, e pelo oriente com a villa ou burgo episcopal. A igreja — o municipio — e a monarchia entre esses limites pelejaram por seculos suas batalhas de predominio, até que triumphou a corôa. Então a linha que dividia as tres povoações desapareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palacios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monarchica.

Era neste burgo ecclesiastico, nesta cidade nascente, que por um formoso dia de janeiro da era de Cesar de 1410 [1372] se viam varridas e cubertas d'espadas e flôres as estreitas e tortuosas ruas que pela encosta do monte guiavam ao burgo primitivo fundado ou restaurado pelos gascões, se não mentem memorias remotas (1). Na rua do *Souto* já assim chamada, talvez pela visinhança de algum bosque de castanheiros, (2) como principal entrada da povoação andavam as danças judengas e folias mouriscas com musicas e trebelhos ou jogos, por entre o povo vestido de festa, o que era indicio evidente de que se esperava elrei, cuja vinda a qualquer povoação era o unico motivo legal para fazer dançar e foliar judeus e mouros, que de certo não folgavam com estes forçados e dispendiosos signaes do contentamento publico.

Com effeito uma numerosa e esplendida cavalgada vinha da banda do bailiado de Leça. Elrei D. Fernando ajunctára em Santarem os seus ricos-homens e conselheiros: amestrado por Leonor Telles na arte de dissimular, recebera com todas as mostras de boa-vontade o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco, ao qual para maior disfarce não escaceára mercês (3). Depois em folgares e caçadas vagueára pelo reino com D. Leonor até que em Eixo fizera um como manifesto da resolução que tomára de a receber por mulher, o que neste

(1) Conde D. Pedro, tit. dos Viegas. Cunha, Cat. do Bispos do Porto part. 1.ª pag. 15.

(2) E fizeram mui ápressa hũa grande praça ante S. Domingos e a rua do *Souto*, que era entom todo ortas. F. Lopes, Chr. de D. João 1.º P. 2. c. 96. — Isto era poucos annos depois da epocha de que vamos fallando.

(3) A 25 de Setembro de 1371, em Santarem, fez elrei mercê a Diogo Lopes Pacheco da terra de Trancozo para que a haja e tenha em pagamento da sua quantia. Registo d'elrei D. Fernando L. 1. f. 84.

dia cumprira na antiga igreja daquella celebre commenda dos Hospitalarios. Era pois para celebrar este matrimonio adultero, agourado pelas maldições populares, que o bispo D. Affonso, menos escrupuloso que o povo de Lisboa ácerca de adulterios, vestia de festa o seu mui canonico burgo (4).

A cavalgada que se vira descer ao longo do valle, já atravessava o rio da villa pela ponte do Souto (5) e encaminhava-se para uma antiga porta da povoação primitiva, porta conhecida ainda hoje, como então, pelo nome de Vandoma. Ao lado direito d'elrei ia D. Leonor a rainha de Portugal: — elle montado em um cavallo possante; ella em um palafrem branco, levado de redea desde a entrada da ponte pelo infante D. João, que familiarmente fallava e ria com a formosa cavalleira. Da banda esquerda o bispo D. Affonso, curvado e enfraquecido pela velhice, oscillava e fazia cortezias involuntarias a cada passada da mansissima e veneranda mula episcopal. Junto ao velho prelado, o infante D. Diniz caminhava em silencio, e no aspecto melancholico do mancebo se divisava que uma profunda tristeza lhe consumia o coração, vendo-se como atado ao carro triumphal da mulher que pouco a pouco se convertera em sua irreconciliavel inimiga. Apoz estas principaes personagens via-se uma grande multidão de cavalleiros, clerigos, cortesãos, conselheiros, juizes da cõrte, companhia esplendida, por entre a qual brilhava o ouro, a prata e as variadas côres dos trajos de festa, que sobressahiam no chão negro das vestiduras roçagantes dos magistrados e clerigos. Adiante d'elrei as danças dos mouros e judeus volteavam rapidas ao som da viola ou alaude arabe, das trombetas, e das soalhas. Segundo o antigo uso seguiam-se ás danças côros das donzel-

las burguezas, que celebravam com seus cantos o amor e a ventura dos noivos (6).

Mas esse canto tinha o quer que era triste na toada. Triste era tambem o aspecto dos populares, que sem um só grito de regosijo se apinhavam para ver passar aquelle prestito real. Mil olhos se cravavam no infante D. Diniz, cujo rosto melancholico revelava que os seus pensamentos eram accordes com os do povo, que por toda a parte não via neste consorcio senão um crime e uma fonte de desventuras. Os cortesãos, porem, fingiam não perceber o que passava á roda delles, e pareciam trasbordar d'alegria. — Muitos eram daquelles que mais contrarios haviam sido aos amores d'elrei; mas que vendo em fim D. Leonor rainha, voltavam-se para o sol que nascia, e calculavam já quantas terras, e que somma de direitos reaes lhes poderia render da parte de um rei prodigo a sua mudança d'opinião.

Entre estes não se via o tenaz e astuto Pacheco. Habitado ao tracto da cõrte por largos annos, experimentado em todos os enredos dos paços, habil em traduzir sorrisos e gestos, palavras avulsas e discursos fingidos, não tardára em perceber que as mercês e agrados d'elrei e de D. Leonor encobriam intentos d'irrevogavel vingança. Conhecendo que a sedição popular fóra inutil, e que, ainda renovada com mais furia, não poderia resistir ás armas de D. Fernando, havia-se affastado da cõrte, e posto que só nos fins desse anno elle passasse a servir o seu antigo protector e amigo D. Henrique de Castella, buscára entretanto esquivar-se ao odio da nova rainha, conservando ao mesmo tempo a boa opinião entre o vulgo.

Abandonado assim do seu guia, o infante D. Diniz soffrêra resignado um successo que não podia embargar; mas digno filho de D. Pedro conservára intacta a sua má-vontade a D. Leonor. Abandonado dos seus parciaes, vendo, senão trahida, ao menos quasi morta e inactiva a alliança de Pacheco, e, para maior desalento, seu irmão mais velho o infante D. João ligado com essa mulher, da qual elle então mal pensava lhe viria a ultima ruina: — no meio de tanto desamparo, o infante a principio timido e irresoluto sentira crescer a ousadia com os perigos; sentira girar-lhe nas veias o sangue paterno. Obrigado a seguir a cõrte, nunca D. Leonor achára um sorriso nos seus labios; nunca o vira conter diante della um só signal de desprezo. Assim a colera d'elrei contra seu irmão havia chegado ao maior auge, e os calculos de fria e paciente vingança estavam resolvidos no animo de Leonor Telles.

(4) Este bispo D. Affonso era ainda o mesmo a quem elrei D. Pedro, dizem, quizera açoutar por sua propria mão em consequencia de elle haver commettido adulterio com a mulher de um honrado cidadão, historia miudamente narrada por Fernão Lopes na Chronica daquelle rei, e que nós não sabemos dizer até que ponto seja verdadeira. D. Rodrigo da Cunha suppõe que o bispo, corrido desta aventura, escandalosa não pelo delicto, trivialissimo no clero daquelle tempo, mas pelo ameaçado castigo, cousa inaudita antes e depois de D. Pedro, sahira do bispado e nunca mais voltára ao Porto, posto que ainda vivesse pelo menos até maio de 1372, como se vê do catalogo chronologico dos bispos portuguezes pelo sabio J. P. Ribeiro. Esta opinião, que assenta n'um argumento negativo — a falta de noticias desse prelado nos documentos, consultados por D. Rodrigo da Cunha, posteriores aos *iminentes açoutes*, é desmentida pelo testemunho de Fernão Lopes, no cap. 59 da chronica de D. Fernando, que faz presente D. Affonso á renovação das pazes d'Alcoutim, jurada no Porto em 1371. E' por isto que, apesar de Cunha, nos pareceu natural, fazer abençoar por um bispo, que se pinta como manchado d'adulterio um casamento adultero.

(5) Sobre esta antiga topographia vejam-se as inquirições dos annos de 1258 e 1348 nas Memorias das Inquirições pag. 45 nota 2, e Dissert. Chr. e Crit. tom. 5.º p. 292 e segg.

(6) A'cerca de semelhante usança veja-se F. Lopes, Chr. de D. João 1.º P. 2.ª c. 96.

A cavalgada tinha subido a encosta e atravessado a porta de Vandoma, que em parte ainda subsiste, e passado em frente da sé, junto da qual se estendiam os paços episcopaes. Ahi as danças e folias pararam e fizeram por um momento silencio: então o infante D. João tomando nos braços a formosa rainha a apeou do palafrem: apoz ella elrei saltou ligeiro do seu fogoso e agigantado ginete. Dentro em pouco toda a comitiva tinha desaparecido no profundo portal dos paços, e os donzeis conduziam os elegantes cavallos, as mulas possantes, e os mansos palafrens para as vastas e bem providas cavallariças do mui devoto e poderoso bispo da antiga Festabole (7).

O aposento principal dos paços, quadra vasta e grandiosa, estava de antemão ornada para receber os hospedes reaes do velho D. Affonso. Um throno com dois assentos d'espaldas indicava que a elle ia subir tambem uma rainha. D. Leonor entrou seguida das cuvilheiras e donzellas da sua camara: elrei de todos os principaes cavalleiros. Viam-se entre estes o alferes-mór Ayras Gomes da Silva, ancião veneravel que fôra seu aio, o orgulhoso mordomo-mór D. João Affonso Tello, Gil Vasques de Resende, aio do infante D. Diniz, o prior do Hospital Alvaro Gonçalves Pereira, e muitos outros fidalgos que ou seguiam a côrte, ou tinham vindo assistir ás bodas reaes.

Guiada por D. Fernando, Leonor Telles subiu com passo firme os degraus do throno, e como o navegante, que, affrontando temporaes desfeitos por mares incognitos e aparcellados, e chegando ao porto longinquo, quasi que não crê pisar a terra de seus desejos, assim esta mulher ambiciosa e audaz parecia duvidar da realidade da sua elevação. A alma sorria-lhe a mil esperanças; a vida trasbordava nella. A seu lado um rei, a seus pés um reino! Era mais que embriaguez; era delirio. Ella sentia um novo affecto, um como desejo de perdão aos seus inimigos! Tremeu de si mesma, e convocando todas as forças do coração salvou a sua ferocidade hypocrita, que parecia querer abandona-la. Era severo o seu aspecto quando esses pensamentos estranhos lhe passaram pelo espirito; mas o sorriso tornou a espriar-se-lhe no rosto, quando o instincto de tigre pôde fazer-la triumphar desse momento em que a generosidade costuma accommetter com violencia as almas vingativas e ferozes—o momento em que se realisa a summa ventura por largo tempo sonhada.

Do alto do throno e em pé D. Fernando estendeu a mão: o tropel de cortesãos e caval-

leiros, de donas e donzellas, formaram aos lados da espaçosa sala fileiras esplendidas, immoveis e silenciosas: elrei volveu olhos lentos para um e outro lado, e disse:

« Ricos-homens, infanções, e cavalleiros de Portugal: um dos mais nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou foi o matrimonio: como para os outros homens, para os reis se instituiu elle; porque por elle as coroas se perpetuam na linhagem real. É por isso que eu desposei hoje a mui illustre D. Leonor, filha de D. Affonso Tello, descendente dos antigos reis, e ligada com os mais nobres d'entre vós pelo divido do sangue. Assim a rainha de Portugal será mais um laço que vos una a mim como parentes, que d'hoje ávante sois meus. Leaes como tendes sido a vosso rei pelo preito que lhe fizestes, muito mais o sereis por este novo titulo. Em que pez a traidores, D. Leonor Telles é minha mulher! Fidalgos portuguezes, beijai a mão a vossa rainha.» (8)

O velho alferes-mór Ayras Gomes aproximou-se então do throno á voz do seu moço pupillo: ajoelhou e beijou a mão a D. Leonor; mas o olhar que lançou para elrei era como o de pedagogo, que de mau humor se accomoda ao capricho infantil de um principe. Ao volver d'olhos do ancião, D. Fernando corou, e voltou o rosto.

O infante D. João, porem, dobrando o joelho aos pés da formosa rainha parecia trasbordar de alegria: contemplando-o, Leonor Telles deixou assomar aos labios um daquelles ambiguos e quasi imperceptiveis sorrisos que, vindos della, sempre tinham uma significação profunda. Por ventura que no infante D. João ella já não via mais que o precursor de humilhação de D. Diniz—do seu capital inimigo.

Apoz o infante, os fidalgos vieram successivamente curvar-se ante D. Leonor. Boa parte delles eram como os capitães vencidos seguindo ao capitolio um triumphador romano. Podia-se com effeito dizer que, mau-grado desses que se rojavam a seus pés, ella conquistára o throno.

Toda a comprida fileira de nobres e officiaes da coroa tinha passado e ajoelhado no estrado real. Faltava um;—e era este, que, menospresando tantas fronte illustres por valor ou sciencia, por fidalguia ou riqueza, inclinadas perante ella, a mulher orgulhosa e implacavel esperava, cogitando no momento em que o mancebo ainda impubere, sem renome, sem poderio, celebre só por seu berço, e pelo desgraçado drama da morte de D. Ignez, viria

(7) Nome primitivo do burgo do Porto. Vid. Cunha, Catal. dos Bispos do Porto pag. 12 e 13.

(8) Em grande parte extrahido quasi textualmente da Carta d'Arrhas de Leonor Telles datada d'Eixo aos 5 de janeiro da era de 1410 [1372].

tributar homenagem á que representava um papel analogo ao daquella desventurada, salvo na sinceridade do amor, e na innocencia da vida.

Mas esse para quem D. Leonor mais de uma vez volvéra rapidamente os olhos, considerava com os braços cruzados aquelle espectáculo em perfeita immobildade, de que uni-



O INFANTE D. DINIZ RECUSANDO BEIJAR A MÃO Á RAINHA D. LEONOR.

camente saíra quando Gil Vasques de Resende, que estava a seu lado, se affastára caminhando para os degraus do estrado. O mancebo apertára a mão do idoso aio tremula da idade com a mão ainda mais tremula de co-lera. Na conta de pai o tinha; venerava-o co-

mo filho, e a idéa de o ver prostituir os seus cabellos brancos aos pés de uma adúltera, o levára a esse movimento involuntario — involuntario porque elle naquella postura e naquella hora não fazia mais que colligir todas as forças da alma para salvar a honra do nome de seus avós — do nome dos reis portuguezes, esquecida por um de seus irmãos, e talvez mercadejada por outro em troco de valimento infame. O velho entendeu o que significava este convulso apertar de mão: duas lagrymas lhe cahiram pelas faces; mas obedeceu a elrei.

Só faltava D. Diniz, que continuára a ficar immovel. Houve um momento de silencio sepulchral em toda a vasta salla, e este silencio era para todos indefinido, mas terrivel.

D. Fernando poz-se a olhar fito para seu irmão, enleiado, ao que parecia, em scismar profundo.

Pouco a pouco todos os fidalgos que povoavam aquella immensa quadra se poderiam crer petrificados como as columnas gothicas, que sustinham as voltas ponteadas do tecto, se não fosse o respirar ancedo e rapido que lhes fazia ranger sobre os peitos e hombros os seus ricos briaes (9) ou as suas cotas de cavalleiros.

Os labios d'elrei tremeram, como a superficie do mar encrespada pela leve e repentina aragem que precede immediatamente o tufão. Depois entreabrindo-os, com os dentes cerrados, murmurou:

« Infante D. Diniz, beijai a mão á vossa rainha! »

Foi um só o volver de todos os olhos para o moço infante: o sussurro das respirações cessára.

(9) O brial era uma especie de camisola que os cavalleiros vestiam sobre as armas, e por cima da qual apertavam o cincto da espada. Tambem o vestiam sobre os pannos interiores quando andavam desarmados. O seu uso durou por toda a idade média e era ainda lembrado nos fins do seculo 16.º em que o auctor, ou traductor, do *Palmeirim d'Inglaterra*, tantas vezes se lembra delle. Nas leis sumptuarias de Affonso 4.º não se trata é verdade de tal vestido; mas a razão disso é obvia: — o brial era trajo militar, e aquellas leis versam sobre o vestuario civil. Na ordenação affonsina L. 1.º tit. 63. §. 21. se manda cingir a espada a novel *sobre o brial*. O dictionario de Moraes affirma que o brial era o *manto* dos cavalleiros: é um dos bastos destemperos daquella babel da lingua portugueza. Eis o que diz o auctor do poema do *Cid* escripto no meado do seculo 12, fallando no brial. (*Sanches P., Cast. ant. al siglo 15.º t. 1.º pag. 347.*)

Vistió camisa de ranzal tan blanca como el sol

.....

.....

Sobre ella un brial primo de ciclaron

.....

Sobre esto una piel bermeia.....

.....

.....

.....

De suso cubrió un manto, que es de grant valor.

D. Diniz não respondeu: encaminhou-se para o meio do aposento: parou defronte do throno, e olhando ao redor de si, perguntou com sorriso de amargo escarneo:

« Onde está aqui a rainha de Portugal? »

« Infante D. Diniz! — Disse elrei, cujo rosto o furor mal reprimido demudára. — Soffredor e bom irmão tenho sido por largo tempo: não queirais que seja hoje só juiz inflexivel do filho querido daquelle que tambem me gerou! » Infante D. Diniz! Beijai a mão da mui nobre e virtuosa D. Leonor Telles, como fez vosso irmão mais velho de quem deveis haver vergonha. » (10).

« Nunca um neto de D. Affonso do Salado — replicou o infante com apparente tranquillidade — beijará a mão da que elrei seu irmão e senhor quer chamar rainha. Nunca D. Diniz de Portugal beijará a mão da mulher de João Lourenço da Cunha. Primeiro ella descerá desse throno e virá ajoelhar a meus pés; — que de reis venho eu, não ella. »

« De joelhos, dom traidor! — gritou D. Fernando, pondo-se em pé e descendo dois degraus do estrado. De joelhos, vil parceiro de reveis sandeus! Se a taberna de Folco Taca vos ouviu fazer preito infame aos peões de Lisboa, quebra-lo-heis diante de vosso rei: — quebra-lo-heis, que vo-lo digo eu! »

D. Diniz viu então que todos os seus passos estavam descubertos: achava-se por isso á borda d'um abysmo. Hesitou um momento; mas lembrou-se de que era neto do heroe do Salado, e precipitou-se na voragem.

« Vil é a mulher barregan e adúltera, e essa é ambas as cousas. Traidor seria um rei de Portugal que assentasse o adulterio no throno, e vós o fizestes, rei deshonorado, e maldito de vosso Deus e de vosso povo! Quem neste logar é o vil e o traidor? »

O infante, acabando de proferir estas palavras, abaixou a cabeça, e deixou descahir os braços. Elle bem sabia, que se seguia o morrer.

Apenas elrei se alevantára, D. Leonor, cujas faces se haviam tingido da amarellidão da morte, se erguera tambem. Naquelle rosto semelhante ao de uma estatua de sepulchro, apenas se conhecia o viver no profundar cada vez mais das duas rugas frontaes que se lhe vinham juntar entre os sobrolhos.

Ouvindo as derradeiras e fulminantes palavras de D. Diniz, elrei soltára um destes rugi-

(10) Dizendo elrei sanhudamente contra elle. « Que non avia vergomça nenhuma, beijarem a mão aa Rainha sua mother o Iffante Dom Joham, que era moor que elle, e isso mesmo seu irmão, e todollos outros fidalgos do reino, e el soamente dizer que lha nom beijaria, mas que lha beijasse ella a elle. » Fern. Lopes, Chr. d'elrei D. Fern. cap. 62.

dos de desesperação e colera humana, que nem o rugido da mais brava fera pôde igualar; grito de ventriloquo, que é como o estridor de todas as fibras do coração que se despedaçam a um tempo; gemido como o do rodado ao primeiro giro do instrumento do supplicio; — rugido, grito, gemido, conglobados n'um só hiato, fundidos n'um som unico pela raiva, pelo odio, pela angustia: brado que só terá um eco quando no derradeiro juizo o julgador dos mundos lhe disser: — para ti as penas eternas.

O brado de D. Fernando fizera tremer os mais esforçados cavalleiros que se achavam presentes: o movimento que o seguiu fez gelar o sangue em todas as veias.

Como um relampago elle tinha arrancado da cinta o agudo bulhão, e com os olhos desvairados encaminhava-se para o meio da salla, onde seu irmão o esperava immovel, com a mão sobre o peito, como se dissesse: *aqui!*

Mas D. Fernando não pôde offerecer nas aras do adulterio um fratricidio: uma barreira se tinha alevantado a seus pés. Era um velho de frente calva, e de longas melenas brancas e desbastadas pelos annos: era aquelle que lhe fôra mais que pai, e que elle respeitava mais que a memoria deste: era o seu alferes-mór, o veneravel Ayras Gomes, que ajoelhando lhe clamava com vozes truncadas de soluços e lagrymas:

« Senhor! — que é vosso irmão! »

« É um covarde traidor, que deve morrer! Irmão!? Mentos velho! Elle já o não é! »

Á palavra — *mentos!* — um relampago de vermelhidão passou pelas faces cavadas do antigo cavalleiro: abaixou os olhos, e correu-os pela espada. Fôra esta a primeira vez que ella ficára na bainha depois de tão funda affronta. Mas aquelle era o momento dos grandes sacrificios. Ayras Gomes replicou, alimpando as lagrymas:

« Nunca vos menti, senhor, nem quando ereis na puericia, nem depois que sois meu rei. Sabei-lo. Criminoso ou innocente, D. Diniz é filho de meu bom senhor D. Pedro. A vosso pai servi com lealdade; por vós já me andou arriscada a vida. Hoje tendes por defensores todos os cavalleiros de Portugal: elle é que não tem talvez um só. Senhor rei, ficai certo que para assassinar vosso irmão vos é mister passar por cima do cadaver de vosso segundo pai. »

Atalhado assim o primeiro impeto, o caracter do moço monarcha revelou-se inteiro neste momento. Commoveu-o a postura do venerando ancião, que pela primeira vez via a seus

pés; e com a irresolução pintada nos olhos fitou-os em Leonor Telles.

Por uma reflexão instantanea a hyena previra que o sangue derramado pelo fraticida não cahiria sómente sobre a cabeça deste, mas tambem sobre a della. Naquelle rosto, então semelhante ao de uma estatua de bronze, D. Fernando não pôde ler a sentença do infante, bem que lá no fundo do coração ella estivesse escripta com sangue.

Entretanto os cortesãos, que no furor rompente d'elrei haviam ficado estupefactos e quedos, vendo-o vacillar, rodearam o infante. O velho Gil Vasques de Resende, que ia interpor-se tambem entre D. Diniz e elrei, quando este arrancára o punhal, parára ao vêr a heroica resolução do alferes-mór; mas ao hesitar de D. Fernando corrêra a abraçar-se com o seu pupillo, que, no meio de tantos animos agitados por paixões diversas, era quem unicamente parecia tranquillo, e alheio ao terror que se pintava em todos os semblantes.

Finalmente elrei metteu vagarosamente o punhal no cinto, e com voz pausada, mas tremula e presa, disse:

« Que esse malaventurado saia d'ante mim. »

O tom em que estas poucas palavras foram proferidas fez vergar o animo de D. Diniz, cujo coração antes disso parecêra de bronze, e os olhos arrasaram-se-lhe d'agua. Sentira que até então era uma colera cega, repentina, insensata, que o ameaçava: agora, porem, no modo e na expressão de D. Fernando vira claramente que era um amor d'irmão que expirára.

Com a cabeça pendida em cima do hombro de Gil Vasques de Resende sahiu do aposento. Era talvez o velho, o unico amigo que lhe restava no mundo.

D. Leonor levou ambas as mãos ao rosto, e via-se-lhe arquejar o collo formoso por mal contido suspiro.

« Coração compadecido, e generoso! » — pensou lá consigo o alferes-mór, que havia pouco a tractára pela primeira vez.

« Hora maldita e negra em que perdi metade de minha tão esperada vingança! » pensava Leonor Telles, e o chôro rebentou-lhe com violencia.

« Não te afflijas, Leonor: — disse D. Fernando apertando-a ao peito. Que nunca mais eu o veja, e viva, se podér, em paz! »

Mas as lagrymas correram ainda com mais abundancia e amargura.

O resto daquelle dia foi triste: triste o banquete e o sarau. A atmospheria em que respirava a nova rainha tinha o quer que era pesado e mortal, que resfriava todos os corações.

Á meia-noite, por um claro luar de céu

limpo d'inverno, uma barca subia com difficuldade a corrente rapida do Douro: á pôpa viam-se reluzir, nas toucas e mantos negros de dois cavalleiros, que ahi iam assentados, as orlas e bordaduras de ouro e prata: um dos remeiros cantava uma cantiga melancholica, a que respondia o companheiro, e dizia assim:

Mortos me são padre e madre:  
Eu tamanino fiquei.  
Irmãos meus mal me quizeram:  
Eu mal não lhes quererei.

Vou-me correr esse mundo:  
Sabe Deus se o correrei!  
A alma deixo-a cá preza:  
O corpo só levarei.

De meus avós nos solares  
Nasci, — dois dias passei:  
Meus irmãos, nada vos tenho,  
Senão o nome que herdei.

Esta cantiga, cuja toada monotona repercutia nos rochedos aprumados das margens, foi interrompida por um doloroso suspiro. Um dos cavalleiros o dera.

Os remeiros callaram-se: arrancaram de voga com mais ancia, e depois continuaram:

Se fui rico, ora sou pobre:  
Choro hoje se já folguei:  
Villas troquei por desvios:  
Muito fui: nada serei.

Sem padre, madre, ou irmãos,  
A quem me socorrerei?  
A ti meu Senhor Jesus:  
Senhor Jesus me accorrei!

Um gemido mais angustiado, que sabiu involto em soluços, cortou de novo a cantiga: era do mesmo que já a interrompêra. O seu companheiro brádou aos barqueiros com a voz tremula e cansada de um ancião:

«Callai-vos ahi com vossas trovas malditas!»

Os remeiros vogaram em silencio, mas pensaram lá comsigo que muito damnadas deviam ser as almas de cavalleiros que assim maldiziam tão devoto trovar.

Repararam, porém, que dos dois desconhecidos, o que suspirára e gemêra lançára os braços ao pescoço do que fallára, e que este, affagando-o, lhe dizia:

«Quando todos, senhor, vos abandonarem não vos abandonarei eu; que o devo ao amor com que vos criei, e á esclarecida e santa memoria de vosso virtuoso pai.»

Então os barqueiros, bem que rudes, entreviram que podia muito bem ser que não fossem duas almas damnadas aquellas, — mas sim malaventuradas. (Continuar-se-ha.)

*Púcaros de barro d'Estremoz.* — Estes vasos pequenos, destinados para se beber agua fria, sempre lograram celebridade. Brantôme (1) refere que o delphim, filho de Francisco 1.º, costumava beber á meza excessiva quantidade de agua; e que uma dama da rainha D. Leonor (2) por nome D. Ignez Beatriz Pacheco, teve o desvelo de mandar buscar a Portugal, para o principe, vasos de barro, que faziam a agua mais fresca e sadia, e que na corte portugueza se usavam. — Eram por certo os púcarinhos d'Estremoz. — O italiano que escreveu a relação da viagem do cardeal Alexandrino a estes reinos (3), diz que de certo barro das visinhanças daquella villa — «fazem vasos muito lindos e jarros, pelos quaes costumam beber os fidalgos e até o proprio rei.» — Do *Aquilegio Medicinal* pelo Dr. Francisco da Fonseca Henriques, a pag. 207, vê-se a reputação que tinham em tempo de D. João 5.º: diz o A. que eram «bem conhecidos não só na provincia do Alemtejo e em todo o Portugal, mas em Castella, em Italia, e em outros reinos para onde os levam, em que são justamente estimados.»

O naturalista Ulisses Aldrovando, no seu *Museum metallicum*, louva grandemente as virtudes do mesmo barro, como besoartico e contraveneno: o Dr. Henriques, que o cita, nota-lhe exaggeração, mas inclina-se a applicar o barro d'Estremoz medicinalmente. Seja-nos licito duvidar dessas virtudes: basta que lhes reconheçamos a de fazerem mui fresca e em certo modo deliciosa a agua que por elles se bebe.

GARCIA 2.º, rei de Navarra, ganhou muitas victorias aos mouros: morreu em 1001, chorado pelos seus subditos e pelos guerreiros. Chamavam-lhe *o tremulo* porque padecia convulsões nervosas: n'uma occasião d'entrar em combate disse, animando os seus: — «O meu corpo tre-me, talvez por causa dos perigos em que o vou metter.

(1) E' um escriptor antigo, singelo, e ao mesmo tempo chistoso, abundante em noticias, que ainda hoje é muito lido pelos francezes, e que faz parte da collecção magnifica, intitulada o *Pantheon Litterario*.

(2) Esta senhora, filha de Philippe 1.º de Castella, e dotada de muita formosura, foi a terceira mulher do nosso D. Manuel; por morte deste monarcha passou a segundas nupcias com Francisco 1.º, de França.

(3) Vide os extractos desta viagem no vol. 5.º da 1.ª serie deste Jornal, sob o titulo de *Archeologia portugueza*; e especialmente a nossa citação a pag. 409 do mesmo.